

Depression in nurses: impacts on the workplace

MIRANDA, G.M¹;
SILVA, M.G.S¹;
HALFELD, T.L.H²..

RESUMO

Esta pesquisa investiga a correlação entre a depressão e os profissionais da equipe de Enfermagem.

Os resultados apontam que a depressão no profissional de Enfermagem pode causar impacto no ambiente de trabalho, para o paciente e si mesmo. A necessidade de o empregador identificar os trabalhadores expostos a depressão e realizarem medidas preventivas e de segurança sobre a mesma é essencial.

DESCRITORES: Depressão, Enfermeiros, Trabalho, Produtividade, Relações Sociais, Saúde Ocupacional

¹ Enfermeira. Pós Graduanda em Enfermagem do Trabalho pela Universidade Positivo

²Enfermeira do Trabalho. Mestre em Enfermagem. Coordenadora da Especialização em Enfermagem do Trabalho da Universidade Positivo

ABSTRACT

This research investigates the correlation between depression and nursing team professionals.

The results indicate that depression in the nursing professional can impact the work environment, for the patient and himself. The employer's need to identify workers exposed to depression and to perform preventive and safety measures on it is essential.

KEYWORDS: Depression, Nurses, Work, Productivity, Social Relations, Occupational Health

1. INTRODUÇÃO

Todos os anos, a depressão é responsável pelo afastamento de milhares de brasileiros de seus postos de trabalho. De acordo com o Ministério da Previdência Social, somente em 2013, mais de 61 mil pessoas receberam auxílio-doença em consequência de afastamento por episódios depressivos, número 5,5% superior ao de 2012 (IMTEP, 2014).

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde e a Organização Mundial de Saúde (OPAS/OMS), “a depressão é um transtorno mental comum, caracterizado por tristeza persistente e uma perda de interesse por atividades que as pessoas normalmente gostam, acompanhadas por uma incapacidade de realizar atividades diárias por 14 dias ou mais (OPAS,2018).

A depressão é também descrita como um estado patológico de sofrimento psíquico consciente e de culpa, acompanhado por uma marcada redução dos valores pessoais e uma diminuição da atividade psicomotora e orgânica (Grinberg, 2000, citado por Valente, 2009). Estima-se que mais de 300 milhões de pessoas sejam acometidas pela doença mundialmente.

A condição é diferente das flutuações usuais de humor e das respostas emocionais de curta duração aos desafios da vida cotidiana. Especialmente quando de longa duração e com intensidade moderada ou grave, a depressão pode se tornar uma crítica condição de saúde. Ela pode causar à pessoa afetada um grande sofrimento e disfunção no trabalho, na escola ou no meio familiar. Na pior das hipóteses, a depressão pode levar ao suicídio. Cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio a cada ano - sendo essa a segunda principal causa de morte entre pessoas com idade entre 15 e 29 anos (OPAS,2018).

Fatores como jornadas de trabalho excessivas, sobrecarga no trabalho, problemas familiares, ambiente de trabalho inadequado, fatores bio/neurobiológicos, nível de escolaridade, turnos de trabalho e o próprio ambiente onde se trabalha pode desencadear a depressão. Esses são respectivamente fatores pessoais (intrínsecos) e os fatores externos relacionados ao ambiente de trabalho gerando consequências no ambiente de trabalho, para a equipe, para o cliente e para o profissional (SILVA et al 2015).

Segundo COIMBRA et al, 2005, considera-se que o trabalho de enfermagem é um processo contínuo, imprevisível, complexo, possuindo multiplicidade de atos, podendo levar o trabalhador a um processo de desgaste, ocasionando sofrimento psíquico, especialmente se as condições existentes para sua realização não forem éticas, dignas e humanas.

Os trabalhadores de enfermagem, em sua atividade laboral, encontram-se expostos a psicopatologias, como a depressão, em decorrência da relação entre o trabalho hospitalar e a saúde e, mais especificamente, o trabalho hospitalar e a saúde mental do profissional (FERREIRA, 2015).

Estudos relativos à ansiedade, estresse e Síndrome de Bornout têm sido realizados com o intuito de abordar a saúde mental de trabalhadores, inclusive enfermeiros. Entretanto, Vargas (2011) aponta uma necessidade de se investigar mais detalhadamente a depressão entre enfermeiros, uma vez que o número de profissionais acometidos por este agravo tem aumentado consideravelmente nos últimos anos (SILVA et al, 2015). Deve-se considerar ainda que este número pode ser maior em função de possível subnotificação da doença ou dificuldade diagnóstica. (SILVA et al, 2015).

O Enfermeiro é um dos elementos, dos profissionais que compõe a equipe multiprofissional no sistema de saúde, seja ele público ou privado. O Enfermeiro colabora no planejamento e execução dos programas a serem desenvolvidos e pela intimidade com os problemas, é o elemento credenciado para identificar as necessidades do paciente, sendo o contingente humano de maior sensibilidade na promoção de saúde do indivíduo e da coletividade. Possuindo alto grau de responsabilidades (COSTA, 2018).

Diante do exposto, existe uma necessidade de se realizar um estudo para avaliar o impacto que o profissional de Enfermagem diagnosticado com Depressão causará ao ambiente de trabalho, a si mesmo, sua equipe e clientela.

Partindo da hipótese de que a depressão entre enfermeiros traz impacto no seu ambiente de trabalho afetando as suas relações sociais, este estudo objetiva verificar na literatura como a depressão entre enfermeiros afeta o indivíduo, a equipe de trabalho e os pacientes assistidos.

2. OBJETIVOS

- Descrever os fatores de risco para o desenvolvimento da depressão entre enfermeiros
- Descrever as consequências da depressão entre enfermeiros para seu ambiente de trabalho, equipe e pacientes.

3. METODOLOGIA

Para o alcance dos objetivos optou-se pela revisão de literatura, realizada por meio da consulta eletrônica nas bases de dados da biblioteca virtual SciELO Brasil (Scientific Electronic Library Online), Pub Med, Lilacs e revistas científicas. Os descritores utilizados foram: Depressão, Enfermeiros, Trabalho, Produtividade e Relações Sociais.

Para melhor refinar os resultados foram definidos critérios de inclusão: artigos publicados entre os anos 2000 a 2018 nas línguas Inglês e Português, cujos resumos apontassem a temática de interesse. A análise preliminar do material foi feita por meio de leitura exploratória, selecionando assim o material que realmente se enquadrava nos objetivos deste estudo, excluindo aqueles que não se encontravam dentro dos critérios adotados. Em seguida foi realizada uma leitura mais aprofundada do material pré-selecionado, buscando informações relevantes para a discussão da temática em questão.

RESULTADOS

No período estudado foram encontrados 60 artigos, sendo selecionados 11 artigos que se enquadram nos critérios preestabelecidos.

De 2012 a 2016, foram registrados 55.387 mil casos de trabalhadores que se afastaram das atividades por algum tipo de transtorno psicológico. No período, a depressão e os transtornos gerais, como ansiedade, representaram 27.619 mil casos. Os números fazem parte

do Observatório Digital, uma iniciativa de cooperação internacional entre o Ministério Público do Trabalho e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) (MTE 2018).

Segundo levantamento da Secretaria de Previdência do Ministério da Fazenda, em 2016 foram concedidos 178.268 auxílios-doença, acidentários e previdenciários, em decorrência de transtornos mentais e comportamentais. Boa parte desse adoecimento tem ligação com o ambiente de trabalho e com as condições apresentadas pelo empregador ao funcionário.

Fatores intrínsecos ligados ao trabalhador, ao indivíduo podem desencadear a depressão e conseqüentemente trazer impacto ao seu ambiente de trabalho, sendo eles a sobrecarga familiar, problemas familiares, número de filhos, casamento e outros relacionados ao indivíduo. Fatores externos como ambiente de trabalho, escalas, absenteísmo, sobrecarga de trabalho, o próprio cuidar do outro, salários, podem desencadear a depressão no trabalhador e como consequência impactar em seu próprio ambiente de trabalho (SILVA et al 2015).

DISCUSSÃO

A Depressão e o suicídio, uma das complicações mais sérias da depressão, são assuntos de grande complexidade, podendo causar intenso sofrimento a pessoa, família e coletividade. Segundo a OMS, (Organização Mundial da Saúde), “estima que a depressão é responsável por 4,3 % da carga global de doenças e está entre as maiores causas de incapacidade no mundo, particularmente para as mulheres (OMS, 2018).

A depressão é resultado de uma complexa interação de fatores sociais, psicológicos e biológicos. Pessoas que passaram por eventos adversos durante a vida (desemprego, luto, trauma psicológico) são mais propensas a desenvolver depressão. A depressão pode, por sua vez, levar a mais estresse e disfunção e piorar a situação de vida da pessoa afetada e o transtorno em si (OPAS,2018).

A pessoa com depressão tem a sua capacidade de ver a realidade alterada, podendo interferir em seu trabalho e suas relações causando impacto nos mesmos. É de extrema importância compreender a depressão e seus riscos, pois a mesma afeta diretamente a saúde do trabalhador. Entre os profissionais de saúde as taxas de depressão têm demonstrado aumento significativo. Esta prevalência é aumentada também pelo estresse ambiental e por

todo o processo de trabalho, tendo consequências diretas e significativas na vida profissional dos mesmos, com impacto direto na qualidade de vida. (SILVA et al 2015).

Um episódio depressivo pode ser categorizado como leve, moderado ou grave, a depender da intensidade dos sintomas. Um indivíduo com um episódio depressivo leve terá alguma dificuldade em continuar um trabalho simples e atividades sociais, mas sem grande prejuízo ao funcionamento global. Durante um episódio depressivo grave, é improvável que a pessoa afetada possa continuar com atividades sociais, de trabalho ou domésticas (OPAS, 2018).

Conflitos familiares como discussões, brigas, perda de algum membro da família, doenças, podem influenciar significativamente o desenvolvimento da depressão. Como a sobrecarga de trabalho é intensa, o pouco contato familiar ou dificultoso agrava o quadro, levando a um cansaço e apatia extremo. A dificuldade em conciliar os dois (atividades familiares e profissionais) ser um desencadeador da doença. (SILVA et al, 2015).

Entre os profissionais da área da saúde, o enfermeiro está particularmente propenso a desenvolver depressão. O Enfermeiro em seu local de trabalho é o profissional que presta cuidados de Enfermagem, assistência, porém existe a necessidade de o mesmo também ser cuidado. Fatores como contato com o sofrimento humano e incapacidade em situações críticas podem estar relacionados ao desenvolvimento da mesma. Porém, más condições de trabalho, jornadas de trabalho exaustivas, remuneração, reconhecimento profissional, conflitos interpessoais e recursos materiais escassos também são citados como fatores ligados ao desenvolvimento da depressão entre enfermeiros (SILVA et al 2015).

O desenvolvimento de sintomas depressivos e seus diferentes níveis de gravidade vêm se destacando entre as principais causas de adoecimento psíquico dos profissionais de enfermagem (JUNQUEIRA et al 2018).

Os transtornos mentais e comportamentais são responsáveis por um elevado número de afastamentos e de ausências no trabalho junto à equipe de enfermagem, sendo a depressão o transtorno mais frequente (JUNQUEIRA et al 2018).

Alguns sinais manifestos pela depressão podem afetar diretamente no ambiente de trabalho, relações sociais, tais como apatia, desinteresse, desânimo, inapetência, dificuldade

do Enfermeiro em se concentrar, alteração dos pensamentos e lentidão na execução das tarefas (SILVA, et al 2015).

A Enfermagem de modo geral é uma profissão suscetível a doença. A mesma afeta sobremaneira esses profissionais e o seu estado emocional. O Ambiente de trabalho inadequado, condições insalubres, exposição diária do Enfermeiro a estímulos físicos, mentais, a precaução para lidar com as pessoas, pode levar facilmente o Enfermeiro a desenvolver depressão. (SILVA et al, 2015).

As relações interpessoais no ambiente de trabalho, má interação entre os colegas, problemas na comunicação, podem gerar conflitos e dificuldades nessas interações gerando desgaste emocional (SILVA et al,2015).

Os problemas de relacionamento com supervisores e médicos vivenciados pela equipe de enfermagem acarretam em maior sofrimento relacionado ao trabalho, menor satisfação no trabalho, menor intenção de permanecer no emprego, e humor deprimido. Em longo prazo, esses problemas podem estabelecer fator de risco para o desenvolvimento de depressão e problemas físicos (FERREIRA, 2015).

O estado civil pode influenciar muito, sendo que a maior parte dos Enfermeiros são mulheres, casadas e com filhos, ocasionando assim uma sobrecarga maior que permeia essas atividades. (SILVA et al,2015).

Se, por um lado, os profissionais do sexo masculino conseguem avançar nos questionamentos de modelos tradicionais em relação às questões de sexo/gênero, por outro lado, os profissionais do sexo feminino tendem a se sentir mais cansadas, tensas e sobrecarregadas; ressalta-se, ainda, que a saúde mental das mulheres profissionais é mais afetada quando comparada a dos homens (JUNQUEIRA et al 2018).

A pesquisa evidenciou que as mulheres que atuam na enfermagem apresentaram predomínio dos sintomas sugestivos de depressão, com pouco interesse ou prazer em fazer as coisas, havendo risco dobrado de apresentar esses sentimentos. Estudo de abrangência populacional mostrou que 10,9% das mulheres reportaram diagnóstico médico de depressão, sendo que entre os homens esse índice foi de 3,9% (JUNQUEIRA et al 2018).

Além disso, essas trabalhadoras estão predispostas à dupla jornada de trabalho, tendo que conciliar atividades remuneradas e afazeres domésticos, cuidado com os filhos e eventuais dificuldades conjugais por passarem longos períodos fora de casa (JUNQUEIRA et al 2018).

Verificou-se que os enfermeiros casados ou que vivem em união de facto se sentiam menos realizados pessoalmente e apresentavam um nível mais elevado de ansiedade e depressão. Tendo em conta que estes enfermeiros eram mais velhos, a baixa realização pessoal pode estar relacionada com a atual conjuntura que vive a enfermagem, tendo como referência o passado. O facto de apresentarem um nível mais elevado de ansiedade e depressão poderá descender da acumulação de papéis inerentes a estes indivíduos (OLIVEIRA, 2012).

O nível de estresse sendo alto pode culminar em uma depressão, seja ele familiar ou nas relações do trabalho. Quanto maior o estresse menor a habilidade em desenvolver suas funções de maneira adequada (SILVA et al 2015).

A falta de autonomia do Enfermeiro no ambiente de trabalho e a dificuldade em exercer suas funções e liderar sua equipe é outro fator dificultador. A falta de maturidade em resolver conflitos em alguns casos e autonomia interfere bastante. (SILVA et al 2015).

Ao analisar a relação da saúde mental com o trabalho, a falta de condições, a organização e a dificuldade de remanejamento, a possibilidade de participação na gestão e a concepção da tarefa correlacionam-se e interferem na saúde psíquica dos trabalhadores (FERREIRA, 2015).

A sobrecarga quantitativa de trabalho, a duração do trabalho, a falta de autonomia e controlo no processo de trabalho, a presença de riscos físicos, químicos e biológicos, lidar com o sofrimento, a insuficiência de recursos, a responsabilidade por pessoas, as relações de trabalho e suporte social no local de emprego, a remuneração, a segurança no vínculo de trabalho, as perspectivas de promoção, o quadro familiar, o conflito casa-trabalho, o quadro social e quadro pessoal são considerados fatores de stress nos profissionais de saúde (Velez, 2003).

Outro fator é a escolaridade, quanto maior a escolaridade do profissional Enfermeiro seja por meio de cursos, Pós-Graduação, mestrado e outros, podem afetar negativamente

também. Maiores salários e bonificações remetem possivelmente a maiores responsabilidades (SILVA et al, 2015).

O profissional com baixa renda familiar também pode desenvolver depressão. Quanto menor a renda, mais a propensão deste possuir mais de um vínculo empregatício gerando mais desgaste. A sobrecarga de trabalho aumenta o estresse emocional podendo desencadear a depressão. Baixos salários, jornadas de trabalho excessivas são agravantes. Todos esses fatores geram no profissional vários sintomas como os já citados e também a irritabilidade, nervosismo, apatia, tristeza, desinteresse, falta de interesse no trabalho, absenteísmo, baixa produtividade, sentimento de fracasso, comprometendo além da sua saúde as relações no trabalho e o ambiente (SILVA et al 2015).

É importante que o profissional Enfermeiro saiba identificar os sinais que podem desencadear a patologia, sendo que a detecção precoce é fundamental, a promoção da saúde no ambiente de trabalho é indispensável (JUNQUEIRA et al 2018).

É importante investir em treinamento de lideranças e trabalhadores para a melhora contínua da comunicação e das relações interpessoais, em iniciativas de redução de estresse (como pausas, ginástica laboral e outras atividades de relaxamento), alimentação saudável, lazer e cultura nos períodos de folga, além do oferecimento de equipe de apoio para orientação, diagnóstico e tratamento precoces. O adoecimento mental é menos frequente quando o trabalhador se sente respeitado como ser humano, quando percebe que o trabalho é bem organizado, as metas são justas e os relacionamentos, respeitosos, enfim, quando se convence de que os esforços para a melhora contínua do ambiente do trabalho são sinceros e efetivos e não apenas retórica (MTE 2018).

Entre os transtornos mentais e comportamentais estão a ansiedade, a depressão recorrente e as fobias. No caso desse diagnóstico, o empregador tem a obrigatoriedade de comunicar a ocorrência ao Instituto Nacional do Seguro Nacional (INSS), por meio do preenchimento da Comunicação de Acidente do Trabalho (CAT), e encaminhar o trabalhador à perícia médica do INSS quando houver afastamento superior a 15 dias (MTE 2018).

O trabalhador também pode contribuir para ter uma rotina mais saudável. É recomendado que o profissional observe se os fatores de risco citados estão presentes em sua

rotina e se existem casos de transtorno mental acometendo os colegas. O trabalhador deve relatar essas observações ao empregador ou preposto, se possível por meio da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa), por escrito, solicitando análise dos fatores de risco, verificar se o empregador disponibiliza ações preventivas e, em caso afirmativo, a aderir às atividades propostas. Caso ache que alguma coisa pode estar errada com seu estado mental, não retardar a busca por ajuda profissional, ou seja, não esperar que os sintomas piorem para procurar ajuda e tratamento (MTE 2018).

Outra forma é o profissional/trabalhador manter atividades físicas regulares, alimentação balanceada, atividades de relaxamento (como alongamentos e exercícios respiratórios diários), algum tipo de lazer e relacionamentos saudáveis com familiares e amigos fazem parte de um conjunto de ações para manter a saúde mental em dia (MTE 2018).

Dos 55.387 mil trabalhadores afastados do trabalho por doenças mentais entre 2012 a 2016, 56,99% (ou 31.566) foram mulheres. Os homens, em geral, têm mais resistência em assumir o problema, que muitas vezes é estigmatizado como fraqueza. Por isso, não há como saber com certeza se eles são de fato menos acometidos ou se o diagnóstico ocorre em menor número porque não procuram ajuda (MTE 2018).

Existem tratamentos eficazes para depressão moderada e grave. Profissionais de saúde podem oferecer tratamentos psicológicos, como ativação comportamental, terapia cognitivo-comportamental e psicoterapia interpessoal ou medicamentos antidepressivos. Os provedores de saúde devem ter em mente a possibilidade de efeitos adversos associados aos antidepressivos, a possibilidade de oferecer um outro tipo de intervenção (por disponibilidade de conhecimentos técnicos ou do tratamento em questão) e preferências individuais. Entre os diferentes tratamentos psicológicos a serem considerados estão os individuais ou em grupo, realizados por profissionais ou terapeutas leigos supervisionados (OPAS,2018).

O aumento do número de trabalhadores da saúde com transtornos mentais tem levado à implementação de programas de atenção à saúde do trabalhador, que, entre outras providências, tem-se observado a ampliação da atuação de serviços como o de psicologia e psiquiatria em ambientes hospitalares, que, além de prestarem atendimento às pessoas internadas e em atendimento ambulatorial, assistem os empregados dessas instituições (ELIAS; NAVARRO, 2006).

Cada vez são mais claras as consequências que o trabalho por turnos acarreta na vida pessoal e familiar dos profissionais de saúde, como é o caso dos enfermeiros. Cerca de 29% da população ativa trabalha por turnos, pelo que os efeitos da intolerância ao trabalho por turnos assumem uma elevada importância em termos de saúde ocupacional (Santos, 2008).

Algumas pesquisas revelam a necessidade da implantação de programas de atenção à saúde dos trabalhadores que envolvam grupos de discussão, grupos de vivências, psicoterapia e administração participativa, com utilização de estratégias apropriadas, visando à minimização do estresse e do Burnout, ao gerenciamento da depressão relacionada ao trabalho, à redução do absenteísmo e da rotatividade entre os trabalhadores de enfermagem. Estes resultados reforçam a necessidade de medidas de acompanhamento, por meio de programas preventivos e de tratamento (SANTOS et al., 2003; TRINDADE et al., 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A depressão é uma realidade que afeta os trabalhadores de enfermagem e influencia em seu desempenho profissional, com impactos diretos na qualidade e segurança da assistência oferecida aos pacientes. Além disso, pode interferir ativamente na produtividade dos profissionais, aumentando os índices de absenteísmos e presenteísmo. Este é fato importante, principalmente se considerarmos que mais de 50% dos trabalhadores de saúde são da equipe de enfermagem.

O Profissional Enfermeiro tem a sua capacidade de ver a realidade e o cuidado alterados quando o quadro depressivo está instalado. Fatores como sobrecarga de trabalho, mais de um vínculo empregatício, estado civil, número de filhos, problemas familiares, setor que trabalha, remunerações, apego ao paciente, processo de luto frente a perda de um paciente, imaturidade profissional, dificuldade em lidar com problemas entre a sua equipe e com outros profissionais afetam diretamente esse profissional, tornando os mais propensos a desenvolverem a depressão. O diagnóstico precoce e o correto acompanhamento dos profissionais afetados podem interferir em um desfecho positivo da doença, de modo que se reduza o sofrimento pessoal e se invista em mecanismos para assegurar a saúde e a segurança dos demais membros da equipe e pacientes assistidos.

REFERÊNCIAS

ALAMY, Susana. Depressão no ambiente hospitalar: do paciente ao profissional de saúde. *Psicologia.pt* a: 2017-12-24 Acesso em 28/07/2018.

CHACHAMOVICH, Eduardo; STEFANELLO, Sabrina; BOTEGA, Neury; TURECKI, Gustavo. *Quais são os recentes achados clínicos sobre a associação entre depressão e suicídio?* *Rev. Bras. Psiquiatr.* 2009; 31 (Supl. I): S18-25.

COIMBRA, VCC, Silva ENF, Kantorski LP, Oliveira MM. A saúde mental e o trabalho do enfermeiro. *Rev Gaúcha Enferm, Porto Alegre (RS)* 2005 abr;26(1):42-9.

COSTA, Maria José Chaves. ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 321-339, 1978. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671978000300321&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-716719780003000007>.

FERREIRA, Luana; FERREIRA, Lucas Lima. Depressão no trabalho da enfermagem: revisão sistemática de literatura. *Universitas: Ciências da Saúde, Brasília*, v. 13, n. 1, p. 41-48, jan./jun. 2015.

JUNQUEIRA, Marcelle Aparecida de Barros et al. Sintomas depressivos e uso de drogas entre profissionais da equipe de enfermagem. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, e20180129, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000400207&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Oct. 2018. Epub Aug 09, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0129>.

MANETTI, Marcela Luísa; MARZIALE, Maria Helena Palucci. *Fatores associados à depressão relacionada ao trabalho de enfermagem*. *Estudos de Psicologia* 2007, 12(1), 79-85.

OAPS/OMS - Organização Pan-Americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde (BR). http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839 [site] Com depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha “Vamos conversar”. 2017 Mar 30. Acesso em 15/08/2018

OLIVEIRA, Rosalvo de Jesus e CUNHA, Tarcísio. *Estresse do profissional de saúde no ambiente de trabalho: causas e consequências*. *Caderno Saúde e Desenvolvimento*, Vol. 3, n. 2, jul-dez. 2014. p. 80.

OLIVEIRA, Vanessa; PEREIRA, Telmo. Ansiedade, depressão e burnout em enfermeiros: Impacto do trabalho por turnos. *Rev. Enf. Ref.*, Coimbra, v. serIII, n. 7, p. 43-54, jul. 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832012000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.12707/RIII1175>.

SILVA, Darlan dos Santos Damásio (*et al*). *Depressão e risco de suicídio entre profissionais de enfermagem: revisão integrativa*. Rev. Esc. Enferm. USP, 2015; 49(6): 1027-1036.

Vargas D, Dias APV. Prevalência de depressão em trabalhadores de enfermagem de unidade de terapia intensiva: estudo em hospitais de uma cidade do noroeste do Estado São Paulo. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. Set out 2011 [acesso em 05/10/2018].

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Lisboa: Ministério da Saúde. Relatório mundial da saúde, 2002.